

O protesto em debate na Lousã

“O protesto e a sociedade democrática” foi o mote para a tertúlia dirigida por Ana Raquel Matos no auditório da Biblioteca Municipal Comendador Montenegro no dia 20 de abril.

Numa iniciativa moderada pelo professor José Luís Santos, a docente de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra fez uma viagem pelos momentos que marcaram os maiores protestos em várias camadas da sociedade portuguesa após o 25 de Abril, centrando-se depois em alguns episódios como o caso

de Ferrel, onde houve um movimento contra a instalação de uma central nuclear em Peniche em 1977, ou a luta contra a exploração de caulinos em Barqueiros, em 1988, em que um manifestante foi abatido pela GNR. As greves estudantis da década de 90, em que também participou, numa época em que surgiu a expressão “geração rasca”. Nessa fase final de cavaquismo, um registo também para as fortes ações de protesto que se fizeram sentir na ponte 25 de Abril.

Naquilo que a investigadora do Centro de Estudos Sociais



apelidou de “direito de vigilância democrática”, houve uma fortíssima oposição ao fecho de maternidades depois de um grupo de peritos entregar

um relatório ao Ministro da Saúde, Correia de Campos. Sublinhou que as decisões tomadas na capital, bem longe do país real e dos problemas

que as populações sentem, ignoraram a voz do povo que em nada se sentiu ouvido ou representado já que o referido ministro seguiu o seu plano à risca, na mesma altura em que iam abrindo unidades de saúde de grupos privados. “Para calar a população deram outras contrapartidas na área da saúde a alguns desses povos”, acrescentou.

Foi feita também uma alusão aos duros anos da Troika e dos movimentos sociais que essa crise económica originou. Aludiu ao facto de aqui se passar da “geração rasca” para

“geração à rasca”. Houve ainda um debate onde se focaram as lutas que ainda se travam no presente, como os movimentos de protesto que surgiram nas zonas em que se pretende levar a cabo a exploração de lítio, como o Barroso ou da Serra da Argemela, onde as populações tentam ainda hoje travar a devastação do seu território no interior do país em prol do dito combate às alterações climáticas. A participação do público fez ainda uma analogia dessa situação com a desflorestação de que a Serra da Lousã vem a ser alvo.